

AS METÁFORAS COGNITIVAS ESTRUTURAIS DEFINIDORAS DO
CONCEITO DE LINGUAGEM E A SUA CONSEQUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO
DO PONTO DE VISTA EM QUE O OBJETO-LINGUAGEM
SERÁ CONSTRUÍDO

THE COGNITIVE STRUCTURAL METAPHORS THAT DEFINE THE
CONCEPT OF LANGUAGE AND THEIR CONSEQUENCES FOR THE
DEVELOPMENT OF THE POINT OF VIEW IN WHICH THE
LANGUAGE-OBJECT WILL BE BUILD

Maurício da Silva
Universidade Federal Fluminense
prof.dr.mauricio@gmail.com

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é mostrar que a metáfora pode ser objeto de estudo científico pois ela não é somente um recurso figurativo reservado aos gênios da literatura. Ocorre no cotidiano como forma de espelho de processos mentais. Falaremos sobre os três tipos de metáfora concebidos por Lakoff e Johnson, metáforas estruturais, orientacionais e ontológicas e mostraremos como os elementos comparantes das metáforas estruturais que definem as concepções de linguagem são os responsáveis pela construção dos princípios dos contêineres teóricos por eles delineados.

PALAVRAS-CHAVE: metáfora conceptual, estrutural, linguagem.

ABSTRACT:

The purpose of this research is to show that the metaphor can be an object of scientific study since it is not only a figurative resource reserved to the geniuses of literature. The metaphor happens in the daily routine as a mirror of people mental processes. The three types of metaphor conceived by Lakoff and Johnson will be pointed out, i.e., the structural, the orientational and the ontological metaphors. Besides, this paper will report how the comparing elements of structural metaphors that define the concepts of language are responsible for the development of the theoretical container principles designed.

KEYWORDS: conceptual metaphor, structural, language.

Introdução

Antes de se fixar no escopo desse texto que é o de aplicar o conceito de metáfora cognitiva estrutural de Lakoff & Johnson às definições de linguagem nas várias metáforas que lhe são atribuídas, é necessário revelar que essa perspectiva de estudo criada pelos citados autores só começa a ser levada em consideração por um número maior de adeptos a partir dos anos 2000, apesar de seus autores já estarem trabalhando nela desde a década de 70 do século passado. O entendimento de que: 1) a metáfora não é apenas ornamento, mas, antes, um modo próprio de conceituar o mundo que se torna um responsável tanto por grande parte da vida cognitiva dos indivíduos, quanto até pelas ações decorrentes dessas vivências cognitivo-conceituais; 2) as metáforas são construídas todas as vezes em que se fazem penetrar mundos diferentes e não só quando se têm intenções literárias de lirismo e embelezamento; 3) as experiências do corpo também são relevantes para a formação de conceitos mentais; vai se dando com um certo atraso até hoje e por isso em relação a esses pleitos poder-se-ia aplicar a ideia da sociologia da história lenta. Segundo, Martins (1994):

Nas aparências do moderno, a persistência do passado é aquilo que caracteriza a história lenta, uma história de espera. Uma história que não chega ao fim de períodos definidos, de transformações concluídas. É uma história sempre por fazer em que a combinação de moderno e tradicional freia o nosso desenvolvimento tanto nas áreas sociopolíticas quanto na do conhecimento. (MARTINS, 1994).

A sociologia da história lenta vem sendo usada em vários campos do saber, assinalando o fato de que as mudanças na humanidade se dão numa espécie de atraso de longa, longuíssima duração. Esse atraso evolutivo é poderoso e gera como consequência a durabilidade de certos paradigmas de pensamento que perduram por décadas, séculos e até mesmo milênios. Essa lentidão histórica também acontece no campo dos estudos de linguagem e reverbera em todas as subáreas a eles ligadas como, por exemplo, na relação entre linguagem e cognição, mais especificamente falando, na relação entre a participação do corpo e da metáfora como basilares para a formação de conceitos mentais – foco deste texto como se mostrará adiante mais pontualmente. A ideia racionalista dualista defendida por Platão de que corpo e alma, ou corpo e mente, ou corpo e razão são duas instâncias estanques constitutivas dos seres é um desses arcabouços que só muito lentamente poderá ser deixado de lado. A crença na estanqueidade de corpo e razão/alma/mente gera a formação de valores que creditam à razão

(mente, alma) um viés de positividade e ao corpo um de negatividade. A mente (razão, alma) seria a morada das faculdades mentais que inclui, dentre outras, a capacidade da linguagem. Essa capacidade, segundo essa visão, distinguiria certos homens de outros homens e todos os homens de todos os outros animais; o corpo seria tão somente a morada dos baixos instintos. A grande maioria dos estudos de linguagem exclui o corpo como possível agente formador de conceitos categoriais mentais. Numa longa tradição dualista anticorpórea, as reflexões sobre linguagem chegam a pleitear a existência de um órgão mental específico situado no cérebro responsável pelo desenvolvimento da linguagem que exclui todo o resto do corpo físico-anatômico-emocional-psicológico. Junto com essa exclusão também se exclui o processo metafórico como substancial para a formação de conceitos mentais, racionais e anímicos. A relação corpo, metáfora e razão a longo tempo vem sendo desprezada.

Chomsky (1980, p. 9), por exemplo, ao responder a pergunta “Por que estudar a linguagem?”, admite a existência de vários motivos, mas assume, como mostra a citação abaixo, que, na sua opinião, as duas causas principais que fariam valer a pena o estudo da linguagem estão explicitamente ligadas à alma, à mente; o corpo seria um mero continente desse aparato anímico-racional cuja finalidade seria abrigar o cérebro, lugar onde se situaria a mente na visão racionalista:

Por que estudar a linguagem? Há muitas respostas possíveis e, ao focalizar algumas delas, não pretendo, é claro, depreciar outras ou questionar sua legitimidade. Algumas pessoas, por exemplo, podem simplesmente achar os elementos da linguagem fascinantes em si mesmos e querer descobrir sua ordem e combinação; sua origem na história ou no indivíduo, ou os modos de utilização no pensamento, na ciência ou na arte, ou no intercurso social normal. Uma das razões para estudar a linguagem – e para mim, pessoalmente, a mais premente delas – é a possibilidade instigante de ver a linguagem como um “espelho da alma”, como diz a expressão tradicional. Com isto não quero apenas dizer que os conceitos expressados e as distinções desenvolvidas no uso normal da linguagem nos revelam os modelos do pensamento e o universo do “senso comum” construídos pela mente humana. Mais instigante ainda, pelo menos para mim, é a possibilidade de descobrir, através do estudo da linguagem, princípios abstratos que governam sua estrutura e uso, princípios que são universais por necessidade biológica e não por simples acidente histórico, e que decorrem de características mentais da espécie. (CHOMSKY, 1980, p. 9).

1. A participação do corpo no processo de formulação das categorias de conceitos mentais segundo processos metafóricos

Como se disse no início deste texto, na sua constituição, a história é caracteristicamente lenta em todos os campos do conhecimento. No entanto, há momentos em que ela dá saltos e desses saltos surgem diferentes maneiras de se considerarem as questões. No campo dos estudos da linguagem, um desses saltos foi dado pelas vertentes da linguística cognitiva que considera o corpo neurofísico, bípede, ereto na sua totalidade experiencial sensório-motora como o balizador decisivo na formação de conceitos mentais metafóricos por excelência. Segundo Ferrari (2016), essas tendências da linguística cognitiva têm raízes no que vem sendo chamado de realismo experiencialista que, resumidamente, levanta as seguintes hipóteses: “a) a mente é inerentemente corporificada; b) o pensamento é, em grande parte, inconsciente; c) os conceitos abstratos são altamente metafóricos e imaginativos.” Destarte, em consequência da hipótese a), o corpo não seria mais um mero coadjuvante da alma, ele protagonizaria a formação de conceitos cognitivos e a mente não estaria localizada apenas na caixa craniana, mas nesse corpo neurofísico-sensório-motor como um todo, fornecendo, captando e armazenando as sensações, informações, pensamentos, conhecimentos, intuições, emoções, analogias, mesclas que podem ser transformados em categorias organizadoras de uma espécie de grande arquivo cognoscitivo estável, mas não estático – pois vai sendo ampliado, refeito, transformado ao longo da vida – para fornecer material possível de ser expresso e comunicado através da linguagem verbal falada ou escrita.

No que concerne às consequências das hipóteses b) e c), como o inconsciente e a imaginação são constituintes determinantes da mente humana para a formulação de conceitos abstratos, a razão lógica como única forma e fonte de se terem e se julgarem as ideias fica posta em xeque e os significados aparentemente literais de certas construções passam a ser questionados. E é aqui que surgirá a metáfora considerada como algo para além do viés do deleite literário. Nos contêineres teóricos que defendem essas hipóteses, a visão de metáfora será amplificada e construções aparentemente literais, na verdade, poderão ser vistas como metafóricas no sentido de terem sido o inconsciente e a imaginação os tutores da integração de mundos do conhecimento de forma tão interpenetrada, que um determina o que o outro será e, a partir daí, tudo que for criado orbitará ao redor do novo mundo criado a partir da metáfora. Com efeito, nessas teorias, metáfora não é figura é conceito cognitivo.

Para Lakoff e Johnson (1980), a metáfora não é um fenômeno puramente linguístico, ela faz parte da experiência cotidiana e do fluxo da imaginação simbólica. Na concepção cognitiva, a metáfora muda de status – de uma simples figura de retórica para o de uma operação cognitiva fundamental. E, assim, os dois autores conceituam a metáfora: o ato de “compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”. Como acabamos de dizer, devido a uma longa tradição que considera a metáfora um tropo, ou seja, algo no plano meramente figurativo, um enunciado como *A ciência é um corpo de conhecimentos sistematizados adquiridos através da observação* será dificilmente entendido como metafórico, mas o é do ponto de vista das teorias que levam em conta a imaginação e o inconsciente como encarregados de fundir mundos cognoscíveis. O mesmo poderá acontecer com as definições de linguagem que serão apreciadas nesse trabalho: elas podem causar a impressão de serem denotativas. E isso se dá por conta da também arraigada concepção de que as ciências são imparciais, neutras e inimaginativas.

Voltemos à suposta definição literal de ciência dada acima: o primeiro membro da estrutura, *ciência (elemento comparado)*, é integrado ao elemento comparante *corpo*, ou seja, um organismo vivo, de contornos delimitados possuidor de funções: aqui se tem uma metáfora. São os aspectos do membro comparante (*corpo*) que vão explicar, por exemplo, a necessidade que a ciência tem de recortar seu objeto para dar a ele os contornos necessários; a decomposição de suas partes como a ciência faz para analisar o objeto, decomposição analítica essa bem semelhante a que se faz com o corpo. Um outro aspecto significativo dessas teorias é perceber a *porção metonímica da metáfora*: PARTE-TODO. Toda vez que se constrói uma metáfora (conceito), isto é, quando se diz que uma coisa é outra, dão-se dois níveis de partição (metonimização) do todo: um nível é o da criação de uma perspectiva (ponto de vista) que irá orientar toda a construção do objeto em questão, ou seja, toda vez que se diz que algo é um outro algo, todos os outros algos que aquele algo poderia ser foram descartados, a saber, só ficou a parte (metonimização) do que o todo passará a ser quando visto do ângulo construído, melhor dizendo, o ponto de vista (parte) fica no lugar do objeto (todo).

A outra porção metonímica da metáfora é aquela que descarta todas as características do elemento comparante e *só fica com* as partes que interessam para o entendimento do conceito. Por exemplo, quando alguém diz que alguém é uma *estrela*, *só se está levando em conta parte* das características dessa estrela e se descartando todas as outras, isto é, pode-se estar dizendo

que a pessoa tem personalidade de destaque, que tem brilho espiritual; mas nunca que a pessoa tem pontas e que está no céu, por exemplo. *É por causa da porção metonímica da metáfora, que nesses contêineres teóricos, será comum se encontrar a afirmação de que a metáfora diz o que a coisa não é.* Para que essa denegação seja compreendida, é necessário que se leve em consideração a porção metonímica da metáfora, a saber, toda vez que se afirmar que algo é outro algo, só se está levando em consideração algumas partes do algo que o algo se tornou. Dentro dessa quadratura pró-corporeidade, pró-imaginação e pró-inconsciente se situa a linguística de base cognitiva de Lakoff & Johnson. Nesse contêiner teórico, estuda-se, dentre outros processos, o de categorização mental, isto é, *como nomeamos as coisas do mundo? E como organizamos tudo isso em nossas mentes?* Uma das respostas para essas perguntas, é que o patrimônio conceitual-cognitivo se constrói a partir de metáforas tal como se tentou explicar acima.

2. Modelos cognitivos idealizados

Conforme Lakoff & Johnson, essa categorização em nossas mentes se daria segundo o que eles denominam Modelos Cognitivos idealizados (MCI's). Os Modelos Cognitivos Idealizados são construtos cognitivos originados de nossas práticas socioculturais que abarcam multifários domínios do conhecimento humano, sendo eles práticos e teóricos e têm como base a participação da sensorialidade e motricidade de nosso corpo. Esses modelos, para os teóricos citados, desempenham um papel indispensável para a cognição humana, pois, como assinalam Duque e Costa (2012, p. 76), “[...] viabilizam o gerenciamento e uso do amplo conjunto de experiências adquiridas no dia a dia, durante toda a nossa vida”. Nesse caso, os MCI's seriam toda a nossa estrutura de conhecimento de mundo, distribuída em nossa mente de forma organizada com a participação protagonista das experiências sensório-motoras de nosso corpo.

Pode-se dizer que é o anseio de conjugar o manifesto com o oculto a questão epistemológica subjacente à proposição dos Modelos Cognitivos Idealizados. Lakoff & Johnson são aquele tipo de cientistas que não se contentam apenas com o observável. O manifesto é somente o ponto de partida para as formulações hipotéticas sobre o oculto que os explicaria. Desse modo, podemos dizer que a teoria desses autores é fundamentalmente de base explicativa: propõem explicar que o que guia – o que está oculto- o comportamento linguístico falado e escrito é um conjunto de modelos cognitivos prototípicos capazes de fornecer material conceitual para a nomeação, reflexão e avaliação das coisas

do mundo através da linguagem verbal articulada, que tem a metáfora como grande estruturador conceitual. Esses modelos são prototípicos porque trazem fixos em si traços dos seus primeiros exemplares socioculturais construídos ao longo das histórias dos indivíduos de determinada comunidade. Mesmo que possuam uma certa mobilidade por conta de renovações de variados tipos - tecnológicas, ideológicas, geracionais, etc. - eles se compõem de elementos com certa fixidez remontáveis dos primeiros (protótipos) para que possam ser compartilháveis de forma genérica por indivíduos de uma mesma cultura.

3. Tipos de metáforas cognitivas segundo Lakoff & Johnson

Segundo Lakoff & Johnson (2002, p.45), “Os conceitos (metáforas) que governam nossos pensamentos não são meras questões do intelecto. Eles governam também a nossa atividade nos detalhes mais triviais”.

Esse é o aspecto estruturante que vale a pena ser observado nos estudos das metáforas feitos por Lakoff & Johnson: é a forma com a qual se metafORIZA o mundo que conduzirá as maneiras de vê-lo e de agir sobre ele, isto é, as metáforas não são patrimônio somente cognitivo, elas estão relacionadas com atividade prática, com o corpo, portanto. Contudo, para que isso seja compreendido, é importante observar que a metáfora, como já se disse anteriormente, teve seu conceito alargado no contêiner teórico dos citados autores. Eles perceberam que construções, aparentemente literais, na realidade, são metafóricas no sentido de mesclarem mundos do conhecimento de forma tão interpenetrada que um determina o que o outro será e, a partir daí, cria-se uma imagem mental do objeto de maneira que tudo que for criado orbitará ao redor do novo mundo construído a partir dessa metáfora cognitivo-conceitual. A percepção da mudança de *status* da metáfora de *tropo/figura* para *conceito* se faz mais necessária ainda, quando se refere aos textos acadêmicos eivados da ideologia de imparcialidade, isenção e neutralidade em que, numa visão estandar, não *há lugar* nem para o inconsciente, nem para a imaginação, logo, nem para a metáfora. Ingenuamente, ainda há os que acreditam que cientistas não imaginam, *só observam* racionalmente. Mais adiante, isso será, particularmente, sentido em relação às metáforas estruturais que os estudos linguísticos construíram para suas definições de linguagem. Quanto à presença da imaginação e do inconsciente no fazer científico – componentes da linguística cognitiva a que já nos referimos - tomemos um excerto de Alves (1981, p. 161) em que ele arrola algumas confissões de importantes cientistas sobre a presença da irracionalidade e do poder imaginativo no aparecimento de ideias:

Todos concordariam com Gauss: não sei como cheguei onde estou. Não fui eu quem produziu as ideias: elas me ocorreram. Isto mesmo. A ciência tentou, por todos os meios, fugir do irracional e das emoções, construindo um método que a conduzisse, de maneira segura, ao conhecimento verdadeiro. E, depois de tantos esforços, o que é que os próprios cientistas confessam? “Cada descoberta contém ‘um elemento irracional’ ou ‘uma intuição criativa’, no sentido de Bergson” (Popper. op. cit. p. 32). “Ideias ousadas, antecipações desprovidas de justificativas e o pensamento especulativo são os únicos meios de que dispomos para a interpretação da natureza” (Idem. p. 280). “Não conhecemos; só podemos fazer palpites. E os nossos palpites são guiados pela fé não científica, metafísica, em leis que podemos descobrir” (Idem. p. 278). “A descoberta não é o produto de uma longa corrente de pensamento abstrato” (Schopenhauer. *The World as Will and Idea*. vol. I, p. 21). “A verdadeira descoberta não é um processo estritamente lógico” (Polanyi. op. cit. p. 123). “As ideias nos ocorrem não quando queremos mas quando elas querem. As melhores ideias vêm à nossa mente, na verdade, da forma como Ihering o descreve: fumando um charuto no sofá; ou como Helmholtz relata, com exatidão científica: quando dando uma volta numa rua ligeiramente inclinada. (...) Ideias não nos vêm quando nós as esperamos, nem quando estamos ruminando e procurando em nossas escrivatinhas. Por outro lado, elas certamente não teriam vindo às nossas mentes se não tivéssemos ruminado em nossas escrivatinhas e procurado respostas com devoção apaixonada. Não existe nenhum caminho lógico que nos conduza (às grandes leis do universo). Elas só podem ser atingidas por meio de intuições baseadas em algo semelhante a um amor intelectual pelos objetos da experiência” (ALBERT EINSTEIN, citado por K. POPPER. op. cit. p. 32). (ALVES, 1981, p. 161).

O que se quis revelar com a citação acima foi que o sentido de imaginação é lato, porque nesse contêiner teórico, ela está conjugada com o corpo e o inconsciente. Desse modo, ela não se reduz apenas à fabricação do inconcebível, mas está a serviço do mundo cognitivo em relação até a percepção racional. Se se entende essa extensão do conceito de imaginação acoplada com o corpo e com o inconsciente, o pleito de Lakoff e Johnson a respeito da metáfora como elemento conceitual-cognitivo ficará mais esclarecido. Assim, imaginação, nesse contêiner teórico, é uma operação capaz de construir o vasto universo dos objetos mentais de todo tipo e natureza. Um aspecto cognitivo constituinte da metáfora é o *de* que ela comprime o disperso através do domínio comparante, isto é, a metáfora é uma síntese. Com efeito, em princípio, tudo pode ser qualquer coisa, melhor dizendo, tudo é disperso. Todavia, quando se define algo como outro algo específico, há um processo de compressão, no sentido de que a coisa definida será anulada pelo domínio comparante da metáfora. Destarte, essa

angulação funcionará como uma espécie de *canaleta* que direciona o fluxo dos postulados teóricos na direção determinada pelo domínio comparante da metáfora. Explicando melhor, a metáfora tem duas polaridades: o domínio comparado (alvo) – aquele que será o termo a ser definido – e o domínio comparante (fonte) – aquele que dirá o que o comparado é na perspectiva adotada. Pode-se dizer que é o domínio comparante que baliza, canaliza, recorta, cria o ponto de vista sob o qual o comparado será visto, por isso o estamos considerando fonte. *É o domínio-fonte que acarretará as ocorrências conceituais que estão presentes nos discursos a ele relacionados.* Ao fazer esse recorte, o domínio comparante descarta todas as outras possibilidades que o domínio comparado poderia ser. A polaridade comparante estrutura, delinea os contornos do comparado que serão levados em consideração na conceitualização mental percebida pelos construtores da metáfora. Feitas tais considerações, falar-se-á brevemente dos três tipos de metáforas estabelecidos pelos citados autores e, numa seção à parte, serão explicitadas algumas das metáforas estruturais definidoras do conceito de linguagem e a sua consequência na construção do ponto de vista à luz do qual o objeto-linguagem será construído. Os autores mencionados dividem as metáforas em três tipos: estruturais, orientacionais e ontológicas.

3.1 As metáforas estruturais

Foco do trabalho que se seguirá sobre algumas definições de linguagem, as metáforas estruturais são constituídas por aproximações comparativas geralmente associadas a mundos interpenetrantes: uma coisa é compreendida em função da outra, por exemplo, em VIVER É LUTAR o mundo existencial (VIVER) se conjuga com o bélico (LUTA), e aqueles que metaforizam o mundo desse jeito verão a vida como uma constante guerra. Enunciados do tipo: *hoje meu dia foi uma batalha; tenho que matar um leão por dia; estou pronto para guerra da vida; usarei todas as minhas armas, etc.* serão comuns no discurso dos usuários que entendem a vida dessa maneira. É importante observar que esses enunciados nem são percebidos como metafóricos: para os que deles se utilizam, eles são literais, ocorrem automaticamente pois são guiados pelo domínio- fonte LUTAR, que estrutura a concepção existencial dessas pessoas.

3.2 As metáforas orientacionais

Organizam as noções segundo a espacialidade: para cima/para baixo, frente/costas, dentro/fora, centro/periferia. É relevante observar que o referencial do estabelecimento dessa organização espacial é o bipedismo ereto e reto. O bipedismo cria a noção de superioridade (em cima); intermediaridade (no meio);

inferioridade (em baixo) e seus derivados: lateralidade (direito, esquerdo), costalidade, frontalidade. Esses conceitos começam como meros localizadores posicionais (orientacionais), por exemplo: o livro está na parte superior (de cima) da estante; o livro está na parte inferior (de baixo) da estante; o livro está no meio da mesa; a rua fica do lado direito de quem vai e à esquerda de quem vem. E vão assumindo contornos metafóricos de vários quilates: simbólicos, classistas, étnicos, sexistas, profissionais, políticos, sociais etc. designativos de aspectos agradáveis, desagradáveis, elogiosos, humilhantes, tudo tendo como parâmetro, ângulo e limite a posição ortostática. Vejamos alguns exemplos de enunciados metafóricos orientacionais:

3.2.1 *Metáforas orientacionais de posição para cima, up*

Estar por *cima*, ser *superior*, ser *a cabeça*, olhar *de cima*, posição superior: o homem fica *em cima* da mulher, *acima* da mulher na cama, no trabalho e as consequências afetivas, salariais e de divisão de tarefas dessa forma de conceituar o mundo; levantar, subir, crescer, erguer-se, reerguer-se: movimentos característicos da ereção do corpo bípede, carregados de simbologia positiva: o para cima e para o alto: o *up* e o *down* de Lakoff & Johnson. Esses movimentos podem até culminar no famoso “*passar por cima de tudo e de todos*” como sinal de superioridade e luta pelos próprios interesses: “*fulano está por cima*”. Os braços levantados *para cima* comemorando a vitória.

3.2.2 *Metáforas orientacionais de posição do meio*

Estar *no meio*: a classe *média* se achando mais que os mais pobres e sonhando em se tornar mais ricos; o *meio-irmão*, *a meia-irmã*; ser um *bom braço*, ser o *braço direito*, importante, mas sempre meio lateral; o eterno *mediocre* que parece estar parado *no meio* do caminho.

3.2.3 *Metáforas orientacionais de posição para baixo, down*

Ser inferior, *estar por baixo*, *curvar-se aos superiores*, *ajoelhar-se*, *abaixar-se*, *ficar de quatro*, *cair* (ações antieréteis carregadas da ideia de submissão: a quadrupedização do humano). A ideia de chão, debaixo da terra: *os sonhos enterrados* (o *ápice da baixeza*), o fim: *a baixa da carteira*, *a baixa do caixão*, tanatológico. O horror que o homem tem do chão! O chão está embaixo, *o chão-sarjeta*, *o chão da humilhação*, *a falta de ereção como fim da vida sexual masculina*; a cabeça *cabisbaixa*, os braços *quedados* denunciando o *baixo astral*, a melancolia, a *derrota*.

3.2.4 Metáforas orientacionais de posição de trás

Aqueles que nos apunham pelas nossas cegas, surdas costas. Traíçoeiros, *fazem tudo por trás*. A noção de desproteção que tem sido atribuída às costas vem também do corpo humano bípede ereto: os sentidos humanos se localizam das laterais para a frente. *Falar de mim na minha frente, duvido*. Com certeza, a ideia de desproteção não está inspirada nas costas do porco-espinho, por exemplo, que anda pelas florestas sem temer nenhum ataque.

3.2.5 Metáforas orientacionais de posição lateral

A “*esquerda festiva*”, “*a direita ordinária*”. O próprio *Direito*, nome escolhido para designar a matéria que estuda as normas disciplinadoras das relações humanas, vem da circunstância corpórea humana de ser o braço direito humano considerado o possuidor de ação muscular do tipo normal (norma), mais forte e mais ágil. Dizer que alguém tem *um olhar de esquerda* tem sempre uma conotação de “canhotice”, algo oblíquo, atravessado, torto, como o lado esquerdo do corpo humano. Como ainda sofrem os canhotos de nascimento que têm que treinar a forma destra de agir, escrever e até de pensar! Tudo por conta do corpo humano bípede, ereto idealizado, ou seja, tornado ideia. (*os parentes laterais*, membros da família com quem não precisamos nos preocupar muito, afinal são laterais: primos, tios, meio que equivalentes aos membros superiores: braços da família, às vezes podem ajudar. Os genros, noras, sogras, lateralíssimos membros inferiores, gente estranha.

Todas essas metáforas orientacionais estão no nosso dia a dia e as usamos conceitualmente quase de forma automática. Como se disse, começam como meros orientadores posicionais e espaciais na vida física, mas vão assumindo contornos simbólicos orientadores da maneira de se viver e pensar o mundo.

3.3 As metáforas ontológicas

O outro tipo de metáfora é a ontológica. A metáfora ontológica, às vezes, é reduzida à personificação, já que faz com que entendamos melhor certos eventos e experiências quando os vemos como substâncias, seres ou entidades humanas. Espíndola (2005) mostra que além da personificação há metáforas ontológicas cujo domínio comparante não é apenas o ser humano (personificação):

Parece-nos possível falar num tipo de metáfora ontológica em que uma experiência ou objeto físico é concebido como uma entidade animada (uso de características ou ações próprias de um ser vivo). Um dos exemplos de concretização da metáfora A INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO QUE ESTÁ DEVORANDO NOSSOS LU-

CROS (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p.87) mostra-nos que a inflação é tratada como uma entidade, mas devorar não é propriamente uma característica do ser humano, mas dos animais. Em outros momentos, a inflação é comparada a um monstro que precisa ser combatido, concebendo a inflação como uma entidade, mas, não necessariamente, um ser humano: **UMA INFLAÇÃO GALOPANTE; A INFLAÇÃO RUGE SOLTA; É NECESSÁRIO DOMAR A INFLAÇÃO.** Um outro exemplo dessa metáfora é a concepção, na nossa cultura, de **INFLAÇÃO COMO DOENÇA** que precisa ser combatida, erradicada, atacada. Esse era o discurso do Ministro Palloci sempre que se referia à inflação, materializando a metáfora conceptual (ontológica) acima citada. A inflação precisa ser combatida com a vacina certa. A inflação parece imune a tratamentos tradicionais. Esses exemplos de metáfora ontológica também não podem ser considerados como sendo uma personificação (humanização de um processo), mas como a animação desse processo, no sentido de algo com vida, mas não humano. (ESPÍNDOLA, 2005, pp. 21-22).

Assim podemos concluir que dois são os traços genéricos do elemento comparante na metáfora ontológica: o ser vivo e o movimento. Levando em consideração que a metáfora ontológica mais que personificadora, é animadora (o elemento comparante é um ser vivo dotado de movimento), podemos entender, frases do tipo:

3.3.1 Meu filho é um touro como um processo de ontologização da força e aparência do filho;

3.3.2 Meu filho se sente um pinto no lixo na escola, como um processo de ontologização da comodidade, adaptação e conforto que o filho sente no ambiente escolar;

3.3.3 João é um peixe, como um processo de ontologização da eficiência com que João nada;

3.3.4 Maria é uma flor, como um processo de ontologização da beleza de Maria;

3.3.5 Ela é o morango aqui do nordeste, como um processo de ontologização da raridade e alto valor da pessoa em questão;

3.3.6 *A língua é uma entidade autônoma de dependências internas, como um processo de ontologização (personificação) da concretude da língua, dando-lhe a ideia de algo sólido capaz até de ser decomposto em partes, como fazem os estruturalistas no processo de apreensão das unidades que constituem a língua;*

3.3.7 *A literatura é a alma da linguagem, como um processo de ontologização (personificação) da superioridade, sublimidade e sensibilidade da literatura;*

3.3.8 *A noite é uma criança, como um processo de ontologização da possibilidade de ter tempo para poder se divertir, e brincar, e rir, e sonhar, e imaginar;*

3.3.9 *Cachorro também é gente, como um processo de ontologização da possibilidade de usufruto de direitos humanos tais como andar em carro oficial, ter festa de aniversário, hospedar-se em hotéis, etc., como fazem os loucos por pets.*

Em que tipo de metáfora se incluiriam aquelas em que o elemento comparante se constitui de seres não vivos (água, ar, minerais, máquinas, brinquedos...)? No terceiro tipo do qual falaremos a seguir: metáforas estruturais. Isso se dá porque o processo de ontologização está estritamente ligado aos movimentos vitais de alimentação, evolução, crescimento e reprodução. Os seres não vivos não possuem tais movimentos: são inanimados. No entanto, suas características podem fazer com que compreendamos de forma mais clara traços presentes na estrutura do elemento comparado. Por exemplo: Minha mãe foi um diamante, a metáfora do diamante fala do valor e da raridade da estrutura da genitora. Na próxima seção tratar-se-á dessas metáforas.

4. Metáforas estruturais nas definições de linguagem e a sua consequência na construção do ponto de vista em que o objeto-linguagem será construído.

Vale lembrar que as metáforas estruturais são constituídas por aproximações comparativas geralmente associadas a mundos interpenetrantes: uma coisa é compreendida em função da outra. O poder interpenetrativo do verbo

ser (verbo de ligação por excelência) faz com que dois membros de mundos diversos se coadunem de modo que um passa a ser o outro, e aí necessariamente se dá o processo cognitivo de metaforização em que o domínio comparante é a fonte, no sentido de fornecer o ponto de vista, à luz do qual o domínio alvo será visto. Em outras palavras, o domínio comparante é a canaleta que direciona o fluxo reflexivo dos pressupostos constantes do objeto criado. E é aqui que se dá a transposição do que pensamos para o que vivenciamos. Não é inútil lembrar também que de tão conceitualizadoras, essas estruturas metafóricas podem não ser sentidas como tal nem no dia a dia, nem nos textos acadêmicos que pleiteiam para si a imagem de imparcialidade e literalidade. Abaixo se darão exemplos de metáforas estruturais ligadas ao termo linguagem. Através delas e dos breves comentários que se farão, poder-se-á observar que o domínio comparante dita a construção do objeto e isso delineará seu estudo subsequente – não é à toa que a metáfora estrutural é assim chamada: ela delinea, traça os limites, estrutura o objeto. Por exemplo:

4.1 Linguagem é sistema.

O campo do discurso (linguagem) se conjuga com o dos conjuntos em que os elementos se inter-relacionam de forma imanente (sistema). Os que aderem a essa metáfora estrutural definidora de língua – de que Saussure é o precursor-, verão o objeto língua como um conjunto de elementos que se opõem e se correlacionam entre si de forma tal que é a existência de um elemento do conjunto que atestará a existência de outro. As formas da língua se explicam no interior da própria língua que é um conjunto autônomo de elementos. É essa metáfora que funda nesse arcabouço teórico o conceito de imanência. Não se recorrerá a dados extralinguísticos para se explicarem as ocorrências da língua. Destarte, o domínio comparante SISTEMA é a canaleta conceitual que faz com que todos os enunciados presentes nessa forma de ver a linguagem deságuem na direção dos conceitos de imanência e relação intrínseca entre elementos como pedras de toque de todos os seus pressupostos.

Nos estudos que vêm a língua como sistema, a *comutação* é a técnica de análise mais adequada de detecção dos elementos. Essa técnica consiste na *troca de um elemento do signo por outro para ver se com isso se obtém outra forma linguística*. Ela pode ser aplicada tanto no nível do fonema, quanto no do morfema. O contexto ideal para a aplicação da *comutação* é num *par mínimo* em que *duas formas linguísticas são postas lado a lado com apenas um elemento diferenciado para ver se obtemos uma outra forma da língua*. Vejamos um exemplo no nível do fonema: o par mínimo *diz: fiz*. Através desse par, podemos

atestar que há os fonemas /d/ e /f/ em português já que, ao se comutarem um com o outro, se obtém uma nova forma. Prossigamos na aplicação da técnica para obtermos um morfema, por exemplo: *fal+ar* : *cant+ar*, esse par mínimo evidencia a existência dos morfemas *fal-* e *cant-* (CÂMARA, 1977, p. 118). Devido a essa relação metafórica, serão comuns, nesse arcabouço, enunciados do tipo:

4.1.1 “O código é suficiente para explicar o próprio código através do estabelecimento de relações internas” (CÂMARA, 1977, p. 158);

4.1.2 “O que define uma língua em face das demais, é a sua estrutura que estabelece oposições específicas de fonemas e formas” (CÂMARA, 1977, p. 158);

4.1.3 “A ideia poderosa da imanência consiste em se poder dizer que fatos linguísticos são condicionados só e apenas só por fatos linguísticos” (FARACO, 2004, p. 29);

4.1.4 “A forma linguística se constitui de um jogo sistêmico de relações de oposição, funcionando este jogo de tal modo que nada é num sistema linguístico senão uma teia de oposições” (FARACO, 2004, p. 28);

4.1.5 “Nada interessa para a visão de língua como sistema a não ser o puramente imanente” (FARACO, 2004, p. 28);

4.1.6 “As línguas são totalidades organizadas” (FARACO, 2004, p. 28);

4.1.7 “Um signo sempre tem relação com outro que ele não é. Por isso se diz que o valor do signo é relativo e negativo: “cão” significa cão porque não significa “gato”, não significa “rato”, e assim por diante” (ORLANDI, 2009, p. 22);

4.2 Linguagem é conduto

O campo do discurso (linguagem) se conjuga com o da comunicação e a transmissão de informação (conduto) passa a ser considerada a função pri-

mordial da língua. Essa é a famosa metáfora de Reddy: no estudo proposto por esse autor, comunicar consiste especificamente em transmitir e, dentro disso, a língua é um canal, ou um *conduto*, para o envio de ideia, pensamento e sentimento. Destarte, o domínio comparante CONDUTO é a *canaleta conceitual* que faz com que todos os enunciados presentes nessa forma de ver a linguagem deságuem na direção dos conceitos de *condução, canalidade, via, transmissão, meio* como pedras de toque de todos os seus pressupostos. Devido a essa relação metafórica, serão comuns, nesse arcabouço, enunciados do tipo:

4.2.1 “O ser humano tem a crença cotidiana de que conseguimos transportar ideias e sentimentos através da linguagem” (ROCHA, 2013, 104);

4.2.2 “O ser humano é capaz de “empacotar” sentidos em palavras, transferindo-os através do conduto da linguagem e destinando-os a um ouvinte, que precisa “desembrulhar” o pacote de sentidos para entender a mensagem” (ROCHA, 2013, 105);

4.2.3 “A noção de conduto está embutida no próprio nome que tradicionalmente se dá ao ato de se falar o que alguém já falou: discurso reportado” (ROCHA, 2013, 105);

4.2.4 tente passar (conduto) melhor seus pensamentos;

4.2.5 “Os estruturalistas também investiram na ideia de que a linguagem é o canal que transmite a mensagem” (ROCHA, 2013, 105);

4.2.6 “Se se (re)porta um discurso, porta-o ou carrega-o até algum lugar. Entretanto, isso só pode ser levado em consideração em termos metafóricos” (ROCHA, 2013, 104);

4.2.7 Segundo Cagliari (1981, p. 5):

A partir de uma programação neurofisiológica, a qual exige um conjunto de contrações e distensões musculares e que provoca movimentos dos órgãos do corpo humano, ocorre a produção de sons da fala. Estes se propagam pelo ar em ondas de energia acústica e são transformados, pelo ouvido, em energia mecânica, por meio de vibrações do tímpano e dos três pequenos ossos que ligam o tímpano

à cóclea. Tais vibrações se tornam variações de pressão hidráulica dentro da cóclea, convertendo-se, posteriormente, em impulsos neurológicos transmitidos pelos nervos ao cérebro. Já que as ondas sonoras partem de uma extremidade em direção à outra, de forma similar ao sopro que penetra no bocal de um instrumento musical, como a corneta, até sua campânula, toma-se esse percurso como um conduto. (CAGLIARI, 1981, p. 5).

Muito mais que uma figura de linguagem, a metáfora é a condutora da construção do arcabouço teórico. Tudo será visto e perspectivado a partir dela, mais especificamente através da polaridade comparante, que, a nosso ver, é o domínio-fonte, no sentido de ser dela que emana a iluminação da área conceitual que será estruturada.

4.3 Linguagem é ato

O campo do discurso (linguagem) se conjuga com o da ação humana (ato), dando à língua um viés mais pragmático, em que falar e fazer se interpenetram a ponto de, às vezes, se revelarem um ato único. Mais importante do que o signo serão os usuários na sua relação com esses signos: quem pratica os atos são os usuários. É importante reparar que é no campo do ato de linguagem que se substitui o termo falante pelo termo usuário. Se observarmos atentamente, o termo falante tem um viés de autômato, alguém que fala porque tem essa capacidade. Já o termo usuário tem um traço de nativo no sentido de alguém que usa, pratica, age, faz. A mudança do termo falante para usuário muda também o foco de interesse e, nesse contêiner teórico, mais importante do que aquilo que se disse é o que se quis dizer com aquilo que se disse, a fala é ato intencional. Esses estudos fundam uma espécie de antropologia linguística em que o sujeito humano passa ser o centro da produção de sentido. Destarte, o domínio comparante ATO é a canaleta conceitual que faz com que todos os enunciados presentes nessa forma de ver a linguagem deságuem na direção dos conceitos de uso, prática, performance, ação, ato como pedras de toque de todos os seus pressupostos. Devido a essa relação metafórica, serão comuns, nesse arcabouço, enunciados do tipo:

4.3.1 Quando dizer é fazer (título do livro de John Langshaw Austin, figura preexcelente dos estudos pragmáticos);

4.3.2 Algumas enunciações são elas mesmas os atos que elas designam, por exemplo, há os chamados verbos performativos que, quando são enuncia-

dos, se confundem com a própria ação: o clássico exemplo do padre que, no momento propriamente dito em que profere uma frase do tipo “Eu te batizo”, já está realizando a ação de batizar;

4.3.3 No jogo educativo da linguagem, brincando com as palavras, vão descobrindo que dizer é fazer coisas. Com palavras, você afirma, nega, pede, manda, aconselha, provoca reações e sentimentos. Então, quando falar é fazer? Quem souber responder, faz a pergunta calar¹;

4.3.4 Se, por exemplo, alguém diz “A porta ficou aberta?” e o alocutário simplesmente responde “sim”, ele (alocutário) está demonstrando uma incompreensão pragmática, pois o locutor, na verdade, não está só constatando/informando o fato, mas está fazendo um pedido para que seu interlocutor volte e feche a porta. Obs.: Nesse enunciado, percebe-se claramente uma crítica à visão da linguagem é conduto, quando o autor diz: o locutor, na verdade, não está só constatando/informando o fato;

4.3.5 Para os estudiosos dos atos de fala, linguagem é ação. Falar é fazer. O primeiro ato que se pratica quando se fala é o ato de falar, dizer propriamente dito;

De novo, o elemento comparante da metáfora guia a visão conceitual de todo o arcabouço. Note-se que nesse arcabouço não se falará nem de sistema nem de conduto, já que o importante é o ato. A polaridade comparante ao dizer o que a coisa é, também diz o que ela não é.

4.4 Linguagem é pensamento

O campo do discurso (linguagem) se conjuga com o das ideias lógicas (pensamento), construindo o objeto-língua de um ponto de vista racionalista. Essa metáfora estrutural revela a linguagem como sendo o espelho de uma ordem lógica de ideias presente no cérebro humano. Destarte, o domínio comparante PENSAMENTO é a canaleta conceitual que faz com que todos os enunciados presentes nessa forma de ver a linguagem deságuem na direção dos conceitos de lógica, raciocínio, ideia como pedras de toque de todos os seus pressupostos. Devido a essa relação metafórica, serão comuns, nesse arcabouço, enunciados do tipo:

¹ <https://www.saraiva.com.br/quando-falar-e-fazer-9392058.html>

4.4.1 Segundo as observações de Ducrot (VOGT, 1989, p.65), podemos dizer que a frase teria como finalidade fornecer uma imagem da ideia que ela representa. Assim “Graças à linguagem, diz, O. Ducrot, o pensamento oferece-se como espetáculo a si mesmo e aos outros”;

4.4.2 As palavras são a representação das ideias;

4.4.3 “Representar o pensamento é assim a função principal da linguagem” (VOGT, 1989, p. 65);

4.4.4 Vogt (1989, p. 66) nos ensina:

Toda uma gama de estudos linguísticos e uma variedade enorme de gramáticas se desenvolvem a partir deste pressuposto: desde gramáticas gerais do século XVIII, que na linha da gramática de Port-Royal, “entendem a construção das frases como imitação da ordem necessária do pensamento”, até mais recentemente, as chamadas gramáticas gerativas transformacionais, para não falar em Humboldt, nos comparatistas, ou mesmo em Wittgenstein, para quem, ao menos em suas primeiras obras, no que diz respeito à linguagem lógica, “o enunciado deveria constituir o reflexo da proposição que ele representa”. (VOGT, 1989, p. 66).

4.4.5 As classes de palavras são a representação das categorias do pensamento: à categoria de substância/ser corresponderá a classe dos substantivos; à de qualidade da substância, o adjetivo; à de ação praticada pela substância, o verbo; à da paixão sofrida pela substância, a voz passiva; à da circunstância em que a ação é praticada pela substância, o advérbio; à da quantidade de substâncias, o numeral;

De novo, muito além de ornamento, o elemento comparante da metáfora é a pedra de toque da construção da perspectiva sob o qual o objeto será criado.

4.5 Linguagem é evolução

O campo do discurso (linguagem) se conjuga com o da história e da biologia, isto é, das transformações da linguagem ao longo do tempo (evolução), tentando remontar a origem das palavras. Segundo esse ponto de vista, o objeto-linguagem será construído como algo que muda no tempo. Destarte, o domínio comparante EVOLUÇÃO é a *canaleta conceitual* que faz com que todos os enunciados presentes nessa forma de ver a linguagem deságuem na

direção dos conceitos de *transformações, origem, precedência* como pedras de toque de todos os seus pressupostos. Devido a essa relação metafórica, serão comuns, nesse arcabouço, enunciados do tipo:

4.5.1 “GRAMÁTICA HISTÓRICA é a ciência que estuda os fatos de uma língua, no seu desenvolvimento sucessivo, desde a origem até os dias de hoje” (COUTINHO, 1976, p. 13);

4.5.2 “A gramática histórica, remontando no passado às suas origens, ao seu período de formação, explica-nos as transformações por que uma língua passou, na sua evolução através dos tempos” (COUTINHO, 1976, p. 13);

4.5.3 “Consiste o método comparativo em relacionar os fatos de uma língua com os análogos de outras da mesma família, para assim lhes descobrir a origem e precedência” (COUTINHO, 1976, p. 14);

4.5.4 “METAPLASMOS são modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução” (COUTINHO, 1976, p. 142);

4.5.5 “SONORIZAÇÃO é a permuta de um fonema surdo por um sonoro homorgânico: os fonemas latinos p, t, c, f, quando mediais intervocálicos, sonorizam-se em português, em b, d, g, v, exs.: lupu> lobo, cito> cedo, acutu> agudo, profectu> proveito” (COUTINHO, 1976, p. 143)

De novo, o domínio-fonte *evolução* determinará todo o estudo desse contêiner teórico. A polaridade comparante da metáfora, ao dizer o que a coisa é, diz o que ela não pode ser. O domínio-fonte recorta o domínio-alvo. Vale a pena reiterar: tais definições não são vistas como metafóricas, mas o são, já que domínios se cruzam para criar perspectivas e pontos de vista cognitivo-conceituais.

4.6 Linguagem é variação

O campo do discurso (linguagem) se conjuga com o campo da mudança e da diversidade linguística. Os que se valem dessa metáfora estrutural não veem a linguagem como um bloco monolítico restrito à chamada norma culta da língua. Nesse contêiner teórico, a linguagem será considerada como espaço

de multiplicidade de ocorrências. É aqui que serão preconizados, dentre outros, os conceitos de preconceito linguístico, variação regional, social, individual, condicionadores linguísticos e externos. Destarte, o domínio comparante VARIACÃO é a *canaleta conceitual* que faz com que os enunciados presentes nessa forma de ver a linguagem deságuem na direção dos conceitos de *diferenciação* e *heterogeneidade* como pedras de toque de todos os seus pressupostos. Devido a essa relação metafórica, serão comuns, nesse arcabouço, enunciados do tipo:

4.6.1 “A Sociolinguística se ocupa de questões como variação e mudança linguística, bilinguismo, contato linguístico, línguas minoritárias, política e planejamento linguístico, entre outras” (COELHO, 2012, p. 17);

4.6.2 “A variabilidade (o fato de que pode haver mais que uma forma expressando o mesmo significado), o valor social das formas linguísticas e o estudo empírico das mudanças na língua não podem ficar excluídos da agenda” (COELHO, 2012, p. 20);

4.6.3 “Não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante-ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado” (COELHO, 2012, p. 22);

4.6.4 “Existe variação inerente à comunidade de fala – não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação” (COELHO, 2012, p. 22);

4.6.5 Labov desenvolveu inúmeros trabalhos voltados para o estudo da língua em seu contexto social, focalizando especialmente “a variação fonológica na língua inglesa” (COELHO, 2012, p. 23);

4.6.6 “Na abordagem laboviana, vale lembrar que o fato de a variação ser inerente às línguas está ligado diretamente à noção de heterogeneidade – as línguas são sistemas heterogêneos (e não homogêneos, conforme postulam Saussure e Chomsky)” (COELHO, 2012, p. 23);

4.7 Linguagem é interação

O campo do discurso se conjuga com o das *relações humanas*. A língua será vista como um contrato social em que os efeitos de sentido realizados pelas formas linguísticas serão gerados em função das identidades dos *participantes* numa situação real de uso. Aqui está também presente uma espécie de antropologia linguística em que o locutor e o alocutário são mais importantes do que os signos verbais. Destarte, o domínio comparante INTERAÇÃO é a *canaleta conceitual* que faz com que os enunciados presentes nessa forma de ver a linguagem deságuem na direção dos conceitos de *diálogo*, *reversibilidade de papéis*, *alteridade* como pedras de toque de todos os seus pressupostos. Nesse contêiner teórico, serão comuns enunciados que falam sobre os papéis sociais, identitários desempenhados pelos sujeitos na interação:

4.7.1 Bakhtin entende que a “verdadeira realidade da linguagem não é nem o sistema abstrato de formas linguísticas, nem a fala monológica isolada (...) mas o fato social da interação verbal que se realiza em um ou mais enunciados” (VOGT, 1989, p. 85);

4.7.2 O dinamismo da linguagem faz com que só se possa entender a palavra como um ato de duas faces, no sentido de que é determinada tanto por quem a emite como por aquele para quem é emitida (VOGT, 1989, p. 85);

4.7.3 Cada palavra, diz Bakhtin, expressa o um em relação com o outro. “Uma palavra é uma ponte estendida entre o eu e o outro. Se um extremo da ponte se apoia em mim, então o outro se apoia em meu interlocutor”(VOGT, 1989, p. 86);

4.7.4 “Tanto ao destinador quanto ao destinatário o que verdadeiramente importa da forma linguística não é seu caráter estável mas o seu caráter de signo adaptável e cambiante” (VOGT, 1989, p. 86);

4.7.5 “Em sua totalidade, o enunciado só se realiza no fluxo do intercâmbio verbal” (VOGT, 1989, p. 86);

4.7.6 Kock (1992) nos ensina:

Os locutores se representam uns diante dos outros de determinada maneira. Primeiramente, em nossa vida cotidiana, nós nos representamos (processos de figuração) diante dos outros de formas bastante variadas: por ex.: uma mulher representa-se ora como mãe, ora como esposa, ora como amiga, ora como profissional, ora como esportista etc. Em cada uma dessas situações, agimos de modo diferente, inclusive – ou sobretudo – em termos de linguagem. Além disso cada indivíduo (teoria das faces) tem uma face externa (“positiva”) – o modo como deseja ser visto pelos outros – que gostaria de ver preservada. Por outro lado, possui também uma face interna (“negativa”), seu território íntimo, que não gostaria de ver invadido. (KOCH 1992).

Não é à toa que uma das redes sociais mais famosas do mundo se chama FACEBOOK, livro das faces, em que se procura sempre revelar o melhor ângulo personalístico de cada um.

4.7.7 Charaudeau (1993, p. 10) mostra que:

O primeiro aspecto que garante a alguém o direito de tomar a palavra, no dizer de Charaudeau, é a identidade do sujeito comunicante. Por exemplo, o que faz com que uma mulher que vai a um ginecologista pela primeira vez obedeça ao comando “Dispa sua roupa íntima” feito pelo desconhecido médico? É a sua identidade social que lhe permite realizar tal ato linguageiro numa situação de uso bem determinada. Acredita-se que ele com seus títulos e consultório montado seja capaz de fazer tal solicitação. Essas possibilidades, em geral, resultam do fenômeno de regulação das trocas comunicacionais do cotidiano, regulação que acaba instaurando práticas nas quais os membros de uma mesma comunidade cultural se reconhecem. Assim o reconhecimento do “direito à palavra” e o reconhecimento da “identidade” do sujeito falante representam então as duas faces de uma mesma moeda, moeda de troca que circula entre os parceiros de um ato de comunicação (CHARAUDEAU, 1993, p. 10);

4.7.8 “Podemos dizer que, segundo o princípio de interação, há o outro e há o eu, mas ao mesmo tempo “o outro constitui o eu”. O ato de comunicação é o resultado de uma coconstrução” (CHARAUDEAU, 1993, p. 3);

4.8 Linguagem é cognição

O mundo do discurso se conjuga com o mundo dos constructos, isto é, da percepção ou pensamento formado pela combinação de impressões vivi-

das pelos indivíduos numa determinada cultura. Nesses contêineres teóricos, caberão não só todas as discussões sobre a aquisição da linguagem- se ela é inata ou adquirida- até essa de que estamos falando nesse trabalho, ou seja, a da teoria cognitiva da metáfora que pleiteia a metáfora como norteadora da perspectiva que os objetos de estudo e de vida serão tratados, como se veio tentando demonstrar com os exemplos acima.

Conclusão

Entender o verbo **ser** como um metaforizador por excelência faz com que se possa localizar a metáfora em todos os lugares em que ele faz com que mundos se interpenetrem para que, ao mesmo tempo, o mundo penetrante conceitue o mundo penetrado e descarte tudo aquilo que este não poderá ser na perspectiva construída. Assim a metáfora deixa de ser apenas ornamento e passa a ser *monumento*: ela é delimitadora da área do objeto edificado. Foi isso que Lakoff e Johnson perceberam; foi isso que alargou o território de ocorrência da metáfora para além da literatura; foi isso que fez com que ela pudesse ser encontrada no cotidiano *latu sensu* e no *strictu sensu*, isto é, até nos textos acadêmicos. No que concerne às definições de linguagem elencadas nesse texto, pode-se dizer que as metáforas estruturais construídas nos vários campos teóricos, por terem formulado conceitos de linguagem, revelaram que “há uma relação necessária entre o objeto, as técnicas, a metodologia e a teoria na qual a análise se sustenta. Pressuposta a tudo isso, encontra-se uma definição de linguagem que subjaz e que determina os princípios teóricos, a metodologia e a análise”. (ORLANDI, 1988, p. 16). Para além disso, como assevera Vogt (1989, p. 71):

A ciência não pode deixar de operar sem recortes, já que a dispersão e a opacidade do fenômeno – a linguagem – a impediriam de se construir com tal. Em outras palavras, toda ciência necessita instituir, no nível teórico, uma transparência que o fenômeno não tem. Essa transparência, sobretudo, quando a ciência se constitui metodologicamente como hipotético-dedutiva, é conseguida por um processo de redução do fenômeno a objeto de ciência, ou para usar a terminologia de Granger, 1968 a), a objeto de estrutura. (VOGT, 1989, p. 71).

Dentre outros aspectos, é isto que as metáforas cognitivas estruturais fazem: a partir da interpenetração de mundos diversos, elas, através da polaridade comparante, criam o foco; iluminam a área conceitual que será edificada; promovem os redutivismos e os recortes necessários para construir um ponto

de vista à luz do qual os objetos de estudo, opacos e difusos em sua natureza, possam revelar níveis de transparência necessários para a construção da ossatura ideológica que guiará a formulação das definições, do método e das técnicas de análise que serão utilizadas pela teoria. Recortar para estruturar, eis a questão da metáfora estrutural. Metáfora cognitiva: muito mais que um ornamento, recorte imprescindível para a construção dos esboços acadêmicos.

Referências

- ALVES, Rubens. *Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e suas regras*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de Fonética do português brasileiro*. 1981. Tese (Livre-docência) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.
- CHARAUDEAU, Patrick. *O contrato de Comunicação em Sala de Aula*. Tradução de Cristian Nicolas Gouraud (FL/UFG) e revisão de Luana Alves Luterman 253 (UEG/PPLLUG). Publicado, com o título *Le contrat de communication dans la classe*, em *Inter-Actions*, J.F.Halté, Université de Metz, 1993. Artigo recebido em 25/10/2011 e aprovado em 6/12/2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/download/18861/11231>. Acesso em: 18 Dez. 2017.
- CHOMSKY, N. *Reflexões sobre a linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- COELHO, Izete Lehmkuhl et ali. *Sociolinguística*. Disponível em: <http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolinguística_UFSC.pdf>. Acesso em: 2012.
- COUTINHO. Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- DUQUE, Paulo Henrique; COSTA, Marcos Antônio. *Linguística Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal, RN: EDUFRRN, 2012.
- ESPÍNDOLA, Lucienne. *A metáfora conceptual ontológica na publicidade*. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/viewFile/11552/8139>, p. 21, 22. 2005>. Acesso em: 20 Dez 2017.
- FARACO, Carlos Alberto. *Estudos pré-saussurianos*. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

- FERRARI, Lilian. Produção de Instituto Metrópole Digital. 2016, 32 min, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hKYE5L5iCGQ&ab_channel=InstitutoMetrópoleDigital>. Acesso em: 20 dez. 2017.
- MARTINS, José de Souza. *O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta*. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- ORLANDI, Eni Pulccineli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.
- ORLANDI, Eni Pulccineli. *O que é linguística*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- LAKOFF, George, & JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, George, & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.
- ROCHA, Luiz Fernando Matos. *Comunicação e cognição*. Juiz de Fora: Lumina - Facom/UFJF - v.7, n.1/2, p.101-116, jan./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/03/R12-13-Matos-Rocha.pdf>> Acesso em: 17 Dez 2017.
- VOGT, Carlos. *Linguagem, pragmática e ideologia*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1989.

Enviado em 26 de janeiro de 2018

Aceito em 26 de abril de 2018.